

Assim Como Era no Princípio

Autor: Carlos Sena



Certo dia, Curumin – o manso- e sua companheira Cunhantã, se viram andando nus numa terra estranha e muito bela, e não se envergonhavam.

Nada incomodava ou amedrontava o manso casal, pois tudo naquela terra – flora e fauna – transpirava paz e alegria.

Todos eram felizes, vivendo em permanente comunhão com a natureza.

Mas um fato estranho estava acontecendo com o casal, sem que eles se apercebessem disso:

O amor entre eles havia se multiplicado intensamente e , apesar de jovens, não sentiam mais o desejo sexual que antes os unia.

E este amor os envolvia de tal forma que o casal parecia ser uma única criatura. Assim, a união carnal deixava de ter sentido.

E viviam felizes em completa abstinência sexual.

Um dia, aproximando-se do jovem casal um homem estranho, mas de indescritível beleza e que também estava nu. E este perguntou a Curumin:

- Andas nu e não te envergonhas?

Não, respondeu Curumin. – mas se ofendo aos teus olhos ou atento contra o teu pudor, mostra-me onde encontrar um muro, e cujo muro esconda uma casa, e cuja casa esconda algumas vestes, para que eu, servindo-me delas, posso esconder o meu corpo e o de minha companheira.

- Esconder o teu corpo? – retrucou o estranho.

E continuou Curumin:

Outrora, quando habitávamos as terras de nossos antepassados andávamos nus e não precisávamos esconder nossos corpos. Mas chegaram uns homens, ditos civilizados, conhecedores do Bem e do Mal, que escondiam os seus corpos para fugir da promiscuidade de seus pensamentos. E eles, nos vendo nus, despertavam em si mesmos insanos e incontroláveis desejos que não conhecíamos e que atentavam contra nosso estilo de vida. E assim, nos vimos obrigados a construir um muro, e cujo muro passou a esconder a nossa morada, e em cuja morada aprendemos a tecer nossas vestes e de cujas vestes nos servimos para esconder nossos corpos. E assim fizemos por que éramos mansos. Mas havia aqueles de nosso meio que não eram mansos e viviam se rebelando, se embriagando e se suicidando por causa destes homens, ditos civilizados, conhecedores do Bem e do Mal.

Ouvimos aquilo, disse o estranho senhor:

- Filho, porque encontrei verdade na tua palavras e porque não percebestes a minha nudez, eu te digo: aqui é a tua nova morada e a morada de tua companheira. Aqui não precisarás de muros, nem de casas, nem de vestes e viverás na luz, junto com teus irmãos.

Porquê me chamas de filho? – perguntou Curumin.

- Nunca conheci meu pai e não tenho um único irmão.

E o estranho senhor, de indescritível beleza, respondeu:

- Eu sou o teu verdadeiro pai e tens milhares de irmãos.

E já sentindo um imenso amor pelo estranho senhor, perguntou Curumin:

- Afinal, quem és tu?

-

Ao responder o estranho senhor:

Eu sou o Criador e esta é a terra que deixo por herança por causa da tua mansidão. E nela viverás para sempre, comigo e com teus irmãos.

Uma vida sem muros, sem casas, sem túnicas e sem vestes, mas de abundante alegria e infinita felicidade.

E viveras assim, como era no princípio.

Por todos os séculos dos séculos. Amém!

Obs. Texto baseado na bíblia Sagrada, livro de Gêneses 2.25: “estavam nus e não se envergonhavam” e Mateus 5.5: Bem-aventurado os mansos, porque herdarão a terra”.

Manaus, janeiro de 2006